

## Anna Amélia: militância e paixão

Constância Lima Duarte\*

A noite desfiou para os meus olhos  
de astros, como pérolas...  
Depois veio uma longa escuridão.  
E eu fiquei toda a noite desfiando  
Conta por conta, os rutilos colares  
Que me adornam a fronte  
*Numa opulência de imaginação...*

*Anna Amélia*

Como tantas mulheres que viveram nos séculos passados, também esta arriscava se tornar uma ilustre desconhecida, apesar da vida intensa e produtiva, se não fosse o projeto, ora em curso, que promove o resgate e a revisão de nossa história. Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça, para os que já não a conhecem, foi uma “mulher de seu tempo” e deixou marcadas, com sua personalidade forte e lúcida, as múltiplas e diferentes atividades a que se dedicou. Foi, por exemplo, poetisa sensível e inspirada, com vários livros publicados. Foi também feminista de primeira hora, e defendeu, ao lado de Bertha Lutz e Maria Eugênia Celso, entre outras, o direito das mulheres ao voto. Apaixonada pela literatura inglesa, e muito especialmente pelo teatro, foi tradutora de Shakespeare. Para completar esta rápida enumeração, acrescento que foi ela a idealizadora da Casa do Estudante do Rio de Janeiro, importante

---

\* Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. da UFMG com pós-graduação em Literatura Brasileira pela UFRJ. Pesquisadora do gênero e feminista. Membro do GT da ANPOLL: “A mulher na literatura”.

instituição que ainda hoje acolhe jovens carentes. Apenas por qualquer um dos aspectos mencionados, já seria uma injustiça se ela ficasse fora da história literária, da história da educação, ou daquela outra, menos conhecida, a história da mulher brasileira na luta por seus direitos. Mas comecemos do início.

Anna Amélia, como gostava de ser chamada e como assinou a maioria de seus escritos, nasceu no Rio de Janeiro em 17 de agosto de 1896, mas foi criada no interior de Minas. E foi tal a identificação com Minas Gerais que muitos até pensam que ela é mineira. Seu pai, José Joaquim de Queiroz Júnior, pioneiro da siderurgia nacional, em 1897 decidiu investir suas economias, sua força de trabalho e todos os sonhos numa usina de ferro em Itabirito, a que deu o sugestivo nome de “Usina Esperança”. Apenas em 1911, a família retornou ao Rio de Janeiro, mas as filhas, entre elas Anna Amélia, levaram consigo lembranças de uma infância feliz e livre, vivida em meio à natureza e os filhos dos empregados da usina. Em seu diário, ela recorda as corridas de bicicleta, os teatrinhos improvisados, as animadas partidas de futebol, as aulas que dava aos companheiros de infância.

Como era comum naquele tempo, entre as famílias da elite, Anna Amélia nunca frequentou uma escola regular. Toda a formação primária e secundária foi feita em casa através de diversas preceptoras estrangeiras que se sucederam. Foi assim que ela e as irmãs aprenderam a falar fluentemente o inglês, o francês e o alemão, e obtiveram conhecimentos de história, geografia, botânica, matemática, música e pintura. Mas foi na convivência harmoniosa com as outras crianças que habitavam as terras da Usina, que ela aprendeu a admirar a arte popular, e moldou seu espírito democrático e igualitário, sempre sensível aos problemas sociais e atento às causas dos menos favorecidos.

O primeiro livro, composto de vinte e dois poemas e intitulado *Esperanças, recordações de infância*, foi publicado pelos pais na con-

ceituada editora francesa Garnier, em 1911, quando ela tinha catorze anos, e surpreendeu pela maturidade e o domínio precoce da técnica poética. A imprensa foi pródiga nos elogios, e jornais como o *Correio da Manhã*, *O Paíz*, *A Gazeta*, e o *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, e, *A Tarde*, de Belo Horizonte, registraram a publicação através das penas abalizadas de Assis Chateaubriand, Barbosa Lima Sobrinho, Theóphilo de Andrade, Austregésilo de Athayde, entre outros. Mais tarde, Carlos Drummond também vai se tornar um admirador da poetisa, e de sua atuação social, dedicando-lhe poemas e crônicas.

Em 1917, Anna Amélia casou-se com Marcos Carneiro de Mendonça, então um conhecido desportista – goleiro do América, do Fluminense e da Seleção Brasileira – depois um próspero industrial, a quem a esposa vai dedicar poemas embebidos de lirismo, sensualidade e paixão. Também os três filhos do casal – Márcia, José Joaquim e Bárbara Heliodora – vão ganhar versos amorosos da mãe poetisa.

Os concorridos saraus que Marcos e Anna Amélia promoviam em sua residência, costumavam contar com a presença da melhor intelectualidade carioca e de amigos ilustres, como Coelho Neto, Alberto de Oliveira, Hermes Fontes, Rosalina Coelho Lisboa, e do jornalista Austregésilo de Athayde, que, aliás, logo faria parte da família, ao casar-se com uma de suas irmãs.

Mas, curiosamente, foi aquela jovem, que não havia conhecido a escola formal, dentre tantas, a convidada para ser “Rainha dos Estudantes” do ano de 1928. E o que podia ter sido apenas um mero episódio mundano, e recebido como uma homenagem à sua simpatia, beleza e carisma, tornou-se um projeto de vida, que ela vai abraçar de forma definitiva. Assim, dentre os muitos sonhos que já a embalavam, mais um se acrescenta e se impõe: a democratização da educação, a assistência ao estudante pobre, a criação de uma Casa do Estudante do Brasil. Em 11 de agosto de 1937, por ocasião do I Congresso Nacional de Estudantes, nascia a UNE, também sob a

direção de Anna Amélia. As campanhas que empreendeu na busca de recursos – junto à família e aos amigos, através de festas, feiras de livros, teatros e rifas – para colocar de pé a Casa do Estudante, foram muitas, que, além de boas refeições, oferecia ambiente de estudo, biblioteca, assistência médica, empregos, bolsas de estudo e moradia após estudantes pobres ou de outras cidades. A Casa teve também um papel fundamental para o surgimento do grupo de Teatro do Estudante, assim como para a criação do Teatro Experimental do Negro, em 1944. Anna Amélia ficou à frente da Casa do Estudante durante quarenta e dois anos, até seu falecimento inesperado, em 31 de março de 1971.

Disse no início que ela foi uma feminista de primeira hora. É verdade. Ao lado de Bertha Lutz, fundou e também presidiu a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, atuando com firmeza na luta pela ampliação legal dos direitos civis e políticos da mulher. Em 34, foi a primeira brasileira a integrar um Tribunal Eleitoral, como membro da mesa apuradora. E em 35 representou oficialmente o Brasil no Congresso Feminista Internacional de Mulheres, em Istambul, na Turquia; tendo sido, durante três anos, a partir de 42, a representante brasileira na Comissão Internacional de Mulheres, em Washington. Em 67, foi convidada pelo governo de Israel para representar o país no Congresso Internacional Feminino pela Paz e Desenvolvimento. Vejam que estou destacando apenas as atuações que considero mais significativas neste campo, mas houve outras, muitas outras. Temos também notícias de importantes conferências cujos textos ainda não foram todos localizados. “Feminismo. Um salto de meio século” é o título de um deles, pronunciado em festiva sessão da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, em 1933. Um outro é “A mulher como cidadã”, apresentado no Congresso Internacional Feminista, de Istambul, em 35.

Como poetisa, Anna Amélia foi moderna, sem ser modernista, como, aliás, outras escritoras de seu tempo. Dentre os livros

de poemas que publicou, em número de oito, destaco um – *A harmonia das coisas e dos seres*, de 1936. A partir mesmo do título, penso que ele revela sua crença inabalável no pacifismo, o horror ao despotismo e à guerra, o desejo de promover relações harmônicas entre as pessoas. No primeiro poema, por exemplo, ao refletir sobre a ventura que era a sua vida, ela declara que na ‘dor dos infelizes’ talvez estivessem as ‘raízes do grande sonho’ que animava seu coração.

Em 28 de setembro de 1928, numa concorrida sessão do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro, Anna Amélia apresentou o estudo “Prosadoras e poetisas brasileiras”, depois publicado na Revista do Instituto. Neste texto, ela apresenta uma minuciosa e importante pesquisa sobre a produção literária feminina brasileira, desde o século XVIII, nas diferentes regiões do país, destacando nomes, comentando obras, e observando com muita acuidade as condições desfavoráveis de vida das mulheres. Cito:

Quantas lindas almas de artistas não ficarão para sempre desconhecidas, sepultadas no recolhimento em que as guardavam os preconceitos da época e a timidez natural, cultivada pela educação.<sup>1</sup>

Mais adiante, após lembrar os nomes de Maria Jucá Moreira, Carmen Freire, Maria Angélica Ribeiro, Maria Amélia de Queiroz e Nísia Floresta, entre inúmeros outros, encontra-se o seguinte comentário:

Assim foram passando essas Brasileiras sonhadoras, quase sempre incompreendidas, quase sempre isoladas em si mesmas, fazendo dessa febre de escrever o desabafo dos seus impulsos mais íntimos,

---

<sup>1</sup> In “Poetisas e prosadores brasileiros”. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro, 1930. p. 90.

das suas aspirações mais ardentes. E aos poucos a sociedade foi compreendendo a missão que cabia às mãos femininas, que podem, além da carícia e da esmola, deixar no mundo a centelha do espírito e da inspiração.<sup>2</sup>

Anna Amélia também publicou livros contendo ensaios, estudos, e algumas conferências. Mas parte substancial de sua produção intelectual permanece inédita, como os poemas e as crônicas publicados em jornais e revistas das décadas de 40, 50 e 60, que nunca foram recolhidos. Na revista *O Cruzeiro*, por exemplo, ela colaborou durante anos ao lado de Lygia Fagundes, Dinah Silveira e Adalgisa Nery. Também as revistas *Fon-Fon* e *Careta*, entre outras, guardam inéditos seus.

Para terminar, gostaria de falar de um outro livro de Anna Amélia, muito especial. Trata-se de um relato de viagem, quase um diário, intitulado *Quatro pedaços do planeta no tempo do Zeppelin*, que contém o registro refinado das peripécias e das impressões do périplo de quatro meses que realizou pela Europa, África e Ásia, acompanhada do marido e da filha mais velha. O único compromisso era participar, em Istambul, do Congresso Internacional de Mulheres, já citado. A viagem tem início em 11 de abril de 1935, a bordo do famoso dirigível que encantou a todos que o viram flutuar, e que chega em Munique, após quatro dias. Terminado o congresso, retomam a viagem – ora de avião, ora de trem, de navio, de barco ou de automóvel – que vai cortar o mapa *mundi* em várias direções, e percorrer cidades e mais cidades, países e mais países, pelo simples prazer de viajar e conhecer novos povos e novas culturas. Com confessada emoção, ela registra anotações que parecem refletir o ritmo da viagem: ora são sucintas e rápidas, e em poucas linhas dá conta

---

<sup>2</sup> Idem, p. 96-97.

de vários dias; ora se estendem em descrições minuciosas, detalhadas, feitas diariamente.

Cito um pequeno trecho do início da viagem,

Deixado ao longe o tapete mágico do litoral brasileiro, o *Zeppelin* conquista o mar alto e o céu amplo. Azul transparente e fluido sobre a nossa cabeça; azul compacto e forte abaixo de nós.

Um dia só entre os dois abismos, e o monstro flutuante está sobre Marrocos, dominando as cidades alvas que se recortam lá embaixo como detalhadas *maquettes* de gesso. Depois, Gibraltar à espreita, e a Europa que se esboça com as pontas nevadas das cordilheiras.  
(p. 18)

Ao percorrer estas linhas, que descrevem as aventuras de Anna Amélia, o leitor pode acompanhar a expedição, sentir suas emoções, conhecer os imprevistos da viagem e também se deslumbrar diante da beleza inesperada. A escritora revela, com espontânea sinceridade, seu espírito aventureiro, o olhar sensível e arguto, sua alegria de viver. Neste relato, há de tudo um pouco: desde observações sobre diferentes comportamentos, costumes, paisagens e belezas naturais; até registros sobre as marcas da guerra nas cidades e nas pessoas, a propaganda militarista de Hitler, e críticas à miséria humana. De Munique para Istambul a viagem é feita no lendário *Expresso do Oriente*, e, enquanto realiza as preciosas anotações, parece conversar com todos, principalmente se são jovens e estudantes.

O trem corre. Neve ao longe. Os estudantes tocam e cantam música popular eslava, que se assemelha à brasileira. (...) No trem uma sala de línguas: falo francês com dois, inglês com um, alemão com outro, e português com um que só fala italiano. Contam-me que há uma Universidade livre com aulas à noite, com curso de Diploma-

cia, Comércio e Finanças. A Universidade é oficial e os cursos são de três anos. (p. 58)

O olhar viajante de Anna Amélia, seguindo a tradição de Nísia Floresta, apesar de oriundo de um país periférico, supera o deslumbramento previsível da turista e enxerga, para além da paisagem física, os sentimentos ocultos dos povos que visita. Os comentários de natureza pacifista, que faz diante das efígies de Napoleão, de Hitler, dos monumentos aos mortos ou do soldado desconhecido, são coerentes com suas preocupações humanitárias. Cito:

Monumentos aos mortos sucedem-se por toda a região, mostrando que a lembrança da guerra é viva em todo o país. Poderá o tempo suavizá-la? Que fatalidade cruel a que une, em esperança, povos que não se podem amar. Os homens que se detestam, afastam-se. Os povos que se odeiam querem fazer uma muralha de uma linha de fronteira, mas vem a planta agreste florescer sobre um lado e outro com o mesmo sorriso primaveril. Que acontecimento, que política, que destino seria capaz de pacificar sem rancores, quando há sangue na cor rosada de cada flor? Sonhos de paz... (p. 180).

Termino com esta citação de Anna Amélia. Diante das linhas Maginot e Siegfried, supostamente idealizadas como instrumentos de defesa, ela se dá conta da inutilidade da guerra diante da força da vida. Após quatro meses, retorna ao Brasil, e retoma, com mais ânimo, sua militância e paixões.

## Referências Bibliográficas

AMELIA, Anna. Quatro pedaços do Planeta no tempo do Zeppelin. Rio de Janeiro: Arquimedes, 1976, 327p.



\_\_\_\_\_. Alma de cristal. Belo Horizonte: BDMG Cultural, (Catálogo da Exposição Comemorativa do Centenário de Anna Amélia), 1996.

\_\_\_\_\_. A harmonia das coisas e dos seres. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1936, 103p.

\_\_\_\_\_. “Poetisas e prosadores brasileiros”. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro. Tomo 107, v. 161, Imprensa Oficial, 1930. p. 77-104.

CANEN, Ana. “Anna Amélia Queiroz Carneiro de Mendonça”. In FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. BRITTO, Jader de Medeiros (Orgs.). Dicionário de educadores no Brasil. Da Colônia aos dias atuais. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ / MEC-Inep-Comped, 2002. p. 83-88.

COELHO, Nelly Novaes. Dicionário crítico de escritoras brasileiras. (1711-2001). São Paulo: Escrituras Editora, 2002.